

Interagindo com o texto: a importância dos protocolos de leitura

Elaine Maria Santos¹

Resumo: O texto não pode ser analisado através de uma postura estática, que o coloca como simples fonte de decodificação linguística, uma vez que a leitura pressupõe interação. A partir da década de 1970, o leitor começou a receber atenção durante o processo de aprendizagem obtido com a leitura de textos, já que alguma importância foi dada à contextualização e à negociação de sentido, defendidas através das teorias da Estética da Recepção. Analisando as contribuições dos estudos culturais latino-americanos, este artigo analisou os papéis dos protocolos e práticas de leitura, e a sua relação com a produção de significados e apropriação de textos. Mesmo considerando a liberdade do leitor frente ao texto, não se pode negar a influência dos autores, manifesta nas notas de rodapé, utilização de itálicos e negritos, bem como orelhas e comentários, o que reforça a necessidade em associar o estudo da estética da recepção com o da materialidade dos textos.

Palavras-chave: Leitura. Estética da Recepção. Estudos Culturais. Práticas de Leitura.

Abstract: A text cannot be analyzed from a static optic, placing it simply as a source of linguistic decodification, since the reading process demands continuous interaction. Since the 70s, the reader has been respected regarding the learning process obtained by reading texts, taking into consideration that some importance has been attached to the contextualization and the meaning negotiation, defended by the Reception Aesthetic Theories. Through the analyzes of the cultural studies contributions identified in Latin-American countries, this paper analyzed the roles of the protocols and reading practices, and their relations with meaning production and text appropriation as well. Even taking into account that the text is open to the reader, it can not be denied the influence authors have, identified in the notes, italics, bold quotations, and comments, stressing how important it is to associate Reception Aesthetic studies with the text materiality.

Key-words: Reading. Reception Aesthetic. Cultural Studies. Reading Practices.

A análise do homem em sociedade sempre foi motivo de investigações, sendo uma de suas vertentes o estudo dos textos. Pelas concepções Marxistas clássicas, segundo Kaye (1989, p. 5), toda a produção de uma nação deve ser entendida pelo modelo ou metáfora, através do qual a Base econômica passa a ser capaz de controlar toda a forma de produção cultural de uma sociedade. Essa Superestrutura gerada é considerada como sendo mero reflexo de um determinismo econômico, sendo considerada sem valor qualquer tentativa de produção diferente. Através deste modelo, de acordo com Williams (2007, p. 182), percebe-se uma acentuada interferência da elite, na medida em que é postulada “uma afinidade estrutural entre a alta cultura e formas de privilégio social, considerada imprescindível para a manutenção da cultura”.

¹ Graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Língua Inglesa pela Universidade Tiradentes (UNIT) e mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: santoselaine@yahoo.com.br

Hall (1996) considera esta metáfora marxista totalmente inadequada, reforçando a importância dada, desde então, à valoração do efeito recíproco que a superestrutura tem sobre a base. Como consequência a esse determinismo econômico, observou-se a exaltação a uma dita alta literatura, considerada de um valor capaz de fazer com que a obra servisse de modelo a ser seguido.

Para contestar esse caráter elitista dos textos considerados como pertencentes a uma literatura maior, Thompson, Hoggart e Williams, na década de 1960, fundaram o “Center for Contemporary Cultural Studies”, e passaram a publicar textos na Inglaterra em favor de uma Sociologia da Literatura, com o propósito de analisar a cultura em seu contexto histórico, respeitando-se o papel do significado e da interpretação (SCHULMAN, 2004). Com o passar do tempo, os Estudos Culturais foram incorporando novos adeptos e ampliando o seu campo de ação. Na década de 1970, com o início dos estudos da Estética da Recepção, iniciados por Jauss e Iser, a análise da leitura ganhou novos contornos, enfatizando-se o papel do leitor. Zilberman (2005) cita a palavra “emancipação” como sendo chave do início desse movimento, por ter sido utilizada por Jauss para caracterizar a função emancipatória descoberta quando do contato do texto pelo leitor.

Na década de 1980, segundo Jacks e Menezes (2007), a estética da recepção passou a ser radicalmente orientada pelo interesse em investigar a formação de contextos nos quais ocorrem os processos de produção e recepção literária. O texto deixou de ter o poder revelador de um sentido único a ser alcançado, na medida em que o processo de recepção, contexto cultural e interpretação passaram a ser valorizados, sendo possível a afirmação de que as leituras sempre promovem formas de transformações sociais. Johnson (2004, p. 89), ao falar sobre a importância do contexto, cita-o como sendo responsável por determinar “o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular”.

Com a valorização do papel do receptor durante as atividades de leitura, o texto passa por uma abertura de análise, eximindo-se do leitor a culpa e a frustração em não ter atingido “conclusões” até então ditas como “corretas”. Segundo Mattelart e Neveu (2004, p. 163) “o momento ‘linguístico’ tende especialmente a reconduzir todo o social ao estatuto de um ‘texto’ à espera de analistas muito sutis”. Com os estudos da recepção, esse mundo social impresso no texto passou a ser valorado pelos olhos do receptor, com as peculiaridades de cada indivíduo sendo, agora, respeitadas.

Apesar de ter iniciado em Birmingham, os estudos culturais se espalharam pelo mundo por oferecer respostas às novas demandas do povo, que, não se contentando mais com um modelo passivo de consumo cultural postulado pela “Superestrutura”, ansiava o reconhecimento de sua produção cultural. Essa preocupação pelas formas de apropriação da leitura não se restringiram apenas ao texto, havendo, segundo Belo (2008), uma preocupação com a leitura de imagens, objetos, figuras, pinturas, esculturas, fotografia, jornais, cinema, teatro e imagens televisivas; e, quando presente em textos, análise de prefácios e dedicatórias, muitas vezes colocados com a intenção de “captar a simpatia e o respeito do leitor” (BELO, 2008, p. 58).

Este caráter transdisciplinar presente nos estudos da recepção foram, deste a década de 70, analisados através dos seus mais diversos meios, entre eles o da mídia, que passou a ser vista como importante veículo de cultura de massa. De acordo com Escosteguy (2001, p. 861-9), pelos estudos da recepção, as pessoas “negotiate, appropriate and transform the messages of mass media”², através de uma teoria engajada com as diferenças culturais, que só pode ser conseguida “paying attention to the cultural specificities and particularities articulated to a historically determined conjuncture”³. Esta preocupação com os estudos culturais emergiu na América Latina na década de 1980, trazendo a questão, segunda a autora, em decorrência da necessidade em se considerar a transdisciplinaridade dos processos culturais analisados, de modo a focar as questões identitárias e sociais.

Na Argentina, Chile e Brasil, segundo Martín-Barbero e Télles (2006), a difusão da estética da recepção coincide com o fim das ditaduras e a constatação de um período de exílio de escritores latino-americanos, especialmente para o México. Segundo esses autores, o processo de resistência “impulsionou a perspectiva da leitura crítica dos meios [...] sob a concepção pedagógica proposta por Paulo Freire em a *Pedagogia do Oprimido*”, ao defender a dialogicidade como essência da educação e prática de liberdade, capaz de permitir a negociação de novos conteúdos e não apenas daqueles pré-fabricados pela elite. Segundo Freire (1987, p. 18), “Os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ – o de sua autonomia”.

Nestor Canclini (1997), ao falar dos estudos da recepção na América Latina, faz uma associação com o seu conceito de Cultura Híbrida, através do qual é defendida a ideia de que a política cultural da elite não é recebida igualmente por todos os receptores. Este pensamento está em consonância com as ideias de Jacks e Menezes (2007), ao lembrarem que supostos desvios de interpretação não devem

ser encarados como resultado da incompreensão dos receptores, em relação, aos sentidos verdadeiros produzidos por emissores das obras de arte [...]. Os sentidos dos bens culturais são construídos a partir da interação estabelecida entre os artistas, o mercado, as instituições, críticos e leitores; enfim, todos os elementos que possibilitam a criação, a circulação e recepção dos produtos culturais. Pois as diferentes estruturas do campo artístico, e suas relações com a sociedade, geram diversas interpretações das mesmas obras. (JACKS; MENEZES, 2007, p.120).

Neste contexto, é importante verificar a inclusão de instruções, ações editoriais, publicitárias e críticas, bem como dispositivos retóricos nos textos, mesmo que velados, na tentativa de limitar as possíveis interpretações obtidas pelo receptor, uma vez que a construção de sentidos está totalmente relacionada ao perfil aberto dos

2 “negociam, se apropriam e transformam as mensagens da mídia de massa” (tradução minha).

3 “prestando-se atenção às especificidades e particularidades culturais articuladas a uma conjuntura historicamente determinada” (tradução minha).

textos literários. Estes verdadeiros “pactos de leitura” que produtores, instituições, mercado e público estabelecem, possibilitam, dessa forma, o funcionamento da literatura.

Na medida em que se concretizam esses pactos reduz-se a arbitrariedade das interpretações, os desencontros entre a oferta e recepção. Definem-se acordos com respeito ao que podemos chamar a comunidade hermenêutica possível em uma sociedade e em um tempo dados, que permitem aos artistas e escritores saber que graus de variabilidade e inovação podem manejar para relacionar-se com que públicos, às instituições definir políticas de comunicação e aos receptores entender melhor em que pode consistir sua atividade produtora de sentido (CANCLINI, 1997, p. 152).

Esse poder conquistado pelo receptor durante a leitura de textos é enfatizado por Chartier (1999, p. 77) ao afirmar que a leitura “é sempre apropriação, invenção e produção de significados”, prevendo, dessa forma, a liberdade do leitor em deslocar os conteúdos apresentados. Esse processo de negociação de sentidos está também presente no artigo de Goulemot (2001, p. 108) ao relacionar o prazer do texto ao do encontro “entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural”, que deve estar em consonância com as mais diversas apropriações feitas a partir de uma mesma história compartilhada, mesmo que com usos distintos.

O ato de leitura não pode, de maneira nenhuma, ser anulado no próprio texto (...). A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio de arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação. (CHARTIER, 2004, p.14).

Percebe-se, dessa forma, ser essencial a análise da leitura, associando o texto associado às práticas do telespectador/ouvinte/leitor. A existência de diferentes práticas demonstra a importância em se estudar o papel do leitor não só a partir da leitura, como também através do modo pelo qual se lê, reconhecendo-se o valor do estudo das apropriações textuais. A interdisciplinaridade das pesquisas feitas com a leitura a partir dos estudos da estética da recepção é incontestável e tem sido responsável por uma verdadeira aproximação de conceitos e estudos que, a todo momento, enfatizam o poder que o leitor tem sobre o texto lido, sem desconsiderar, no entanto, as influências exercidas pelos autores e editores quando da inserção de protocolos de leitura no decorrer dos textos e livros publicados. Não há espaço, dessa forma, para uma simples análise formalista de textos nem para a tentativa de decifração de supostas intenções de autores contidas em manuais de leituras de textos literários, como se, a todo momento, apenas uma negociação fosse possível e todos os protocolos de leitura e ações de editores fossem responsáveis pela produção de uma mesma resposta.

Bourdieu (2001) reforça a intencionalidade de autores e editores na manipulação da recepção de textos, citando, por exemplo, a utilização do itálico, maiúsculas e títulos, que tentam chamar a atenção do leitor para algo que se presume ser importante. Não há, no entanto, nenhuma certeza de que tais ações sejam capazes

de fazer com que o leitor tenha as mesmas impressões desejadas quando da sua análise, uma vez que, de acordo com Galvão e Menezes (2005, p. 25), os protocolos de leitura não garantem a reprodução de sentidos orientados por autores ou editores, na medida em que, mesmo com uma possível tentativa de orientação de movimentos do leitor, “sua atualização, seus usos e significados que serão de fato produzidos encontrarão sempre nos contextos de leitura um regime de condições que poderá ou não favorecer a realização das leituras visadas”.

Com os estudos da recepção, dessa forma, tem-se uma nova análise textual com a desmistificação do papel do autor e do texto e a abertura de caminhos para novas investigações focadas no receptor. Antônio Cândido (2005, p. 62) nos fala sobre “o perigo da correção conjectural e do afã de interpretar a todo o preço qual teria sido a intenção do autor”. Tal preocupação também foi verificada na obra de Eco (2005), ao enfatizar não ser plausível a tentativa em se buscar uma interpretação única de um texto como forma de desvendar as intenções secretas do autor. Esta abertura da obra, no entanto, deve ser relativizada, de modo a não gerar uma superinterpretação. Com a diminuição do interesse pelo desvendamento da intenção do autor, o mundo representado pelo texto, passa então a corresponder

a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados que o leitor os complete. [...] O leitor participa da construção do texto quando traz para dentro dele os seus próprios códigos (ZILBERMAN, 2005, p. 83-4).

De grande importância fica o questionamento sobre a temporalidade da leitura, seus hábitos e suas práticas. Os Estudos da Recepção abriram caminho para a análise dos textos a partir de sua materialidade, das respostas dadas pelo seu leitor, e das impressões determinadas por leituras prévias, experiências vividas, contexto e negociação de sentido. Algumas obras vivem através dos tempos e se imortalizam na história, como é o caso dos textos produzidos por Machado de Assis, que parecem ainda dizer muito no século XXI. Não se sabe de que modo leitores combinarão as pluralidades de possibilidades que circundam os textos, tanto em termos de novos aparatos tecnológicos, quanto de teorias a serem trabalhadas. A negociação dos sentidos estará, no entanto, relacionada ao que o texto poderá dizer e a sua correlação com as expectativas do leitor e respostas procuradas por aqueles que, aventurando-se no mundo das letras, não se intimidam com novas descobertas e resignificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO**, André. História & livro e leitura. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BORDIEU**, Pierre. A leitura: uma prática cultural – debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier. In: **CHARTIER**, Roger (org.). Práticas da Leitura. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.
- CANCLINI**, Nestor. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANDIDO**, Antônio. Noções de análise histórico-literária. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- CHARTIER**, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER**, Roger. Leitura e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ECO**, Umberto. Interpretação e superinterpretação. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ESCOSTEGUY**, Ana Carolina. Cultural studies: a Latin American narrative. Media, culture and Society, v. 23, p. 861-73, 2001.
- FREIRE**, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GALVÃO**, Ana Maria de Oliveira; **BATISTA**, Antônio Augusto Gomes (orgs.). Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GOULEMOT**, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In **CHARTIER**, Roger. (org). Práticas da leitura. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.
- HALL**, Stuart. Cultural studies and the centre: some problematics and problems. In: **HALL**, Stuart; **HOBSON**, Dorothy; **LOWE**, Andrew; **WILLIS**, Paul (eds.). Culture, Media, Language. London/New York: Routledge/CCCS University of Birmingham, 1996.
- JACKS**, Nilda; **MENEZES**, Daiane B. Estudos de recepção na América Latina: contribuição para atualizar o panorama. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, edição 10, Dez 2007. In: www.compos.org.br. Acesso em: 21 de julho de 2008.
- JOHNSON**, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: **SILVA**, Tadeu da (org). O que é, afinal, estudos culturais? 3^a edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KAYE**, Harvey J. Los historiadores marxistas británicos: un análisis introductorio. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1989.
- MARTIN-BARBERO**, Jesús; **TÉLLES**, Marla Patricia. Los estudios de recepción y consumo en Colombia. Dia-logos de la Comunicación, n. 73, 2006.
- MATTELART**, Armand; **NEVEU**, Érik. Internacionalização e crise dos estudos culturais. In: Introdução aos estudos culturais. São Paulo: Parábola, 2004.
- WILLIAMS**, Raymond. Os usos da teoria da cultura. Margem Esquerda: ensaios Marxistas. n. 9. São Paulo. Boitempo, 2007.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.). Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Recebido em 07/11/2009

Aceito em 17/11/2009